

A REVISTA VEJA E O MOVIMENTO ESTUDANTIL EM 1968: ENTRE O ENGAJAMENTO E O ENTRETENIMENTO

Cláudio Novaes Pinto Coelho*
Maria Ribeiro do Valle**

Resumo: O artigo em questão aborda as fórmulas do jornalismo espetacular - marcado pelo entretenimento - utilizadas pela revista Veja para noticiar os episódios do movimento estudantil - principal movimento engajado na luta contra a ditadura - em 1968. Examina-se, assim, a proposta editorial da revista, ao ser lançada em 1968, e a análise que tece sobre os episódios estudantis focada na temática da violência até a decretação do AI-5, em dezembro daquele ano.

Palavras-chave: Revista Veja. Movimento Estudantil. Ditadura Militar. Jornalismo espetacular. 1968.

Abstract: This essay approaches the methods of the sensationalistic journalism - highlighted by the entertainment - used by the Veja magazine to announce the episodes of the Students' Movement - main movement committed with the fight against dictatorship - in 1968. Therefore, the editorial purpose of the magazine is analyzed, from when it was launched in 1968, and also the discussion about the

* Professor Doutor. Faculdade Cásper Líbero. Pós-Graduação. São Paulo - SP - Brasil. 01310-940 - caudionpcoelho@uol.com.br.

** Professora Doutora. UNESP - Universidade Estadual Paulista. Departamento de Sociologia. Araraquara - SP - Brasil. 14800-901 - maria.ribeiro.valle@uol.com.br.

students' episodes which is focused in the violence thematic until the IA-5 decree, in December of that year.

Keywords: Veja Magazine. Students' Movement. Military Dictatorship. Sensationalistic Journalism. 1968.

Lançada em setembro de 1968, a revista *Veja* demorou muito tempo para atingir o sucesso editorial que a caracteriza hoje, nem de longe correspondeu às expectativas da Editora Abril em termos de vendagem. Por outro lado, a fórmula contemporânea do jornalismo praticado pela revista, que combina posições políticas reacionárias com temas comportamentais, como a busca pelo sucesso, a preocupação com a saúde física e mental e com a boa aparência, estava muito distante do jornalismo praticado pela revista em 1968 marcado pela ambigüidade, consequência de uma indefinição quanto ao seu projeto editorial. Idealizada pelos editores da publicação como uma revista semanal de informação no estilo da revista norte-americana *Time*, divulgada como uma revista semanal ilustrada como a revista *Manchete*, tendo um título que remetia a este tipo de jornalismo marcado pelo entretenimento e pela espetacularização, mas produzida por jornalistas engajados contra a ditadura; na sua fase inicial a revista *Veja* oscilou entre o engajamento político e o jornalismo de entretenimento. Essa oscilação marcou, tanto na forma quanto no conteúdo, a cobertura da *Veja* sobre os principais acontecimentos do Movimento Estudantil no ano de 1968.

O lançamento da revista *Veja* em 1968 não pode ser compreendido sem algumas referências às características da Editora Abril. A publicação pela editora a partir de 1966 da revista *Realidade*, de periodicidade mensal e marcada por grandes reportagens ao estilo do jornalismo literário sobre temas da atualidade, mudou o perfil da Editora e a própria percepção dos jornalistas a seu respeito. De acordo com a reportagem de Ulysses Alves de Souza sobre a história da revista *Veja*, publicada na revista *Imprensa* de setembro de 1988:

Até a publicação da *Realidade*, a Editora Abril é considerada uma empresa produtora de revistas de entretenimento. *Realidade* acrescenta estilo jornalístico à empresa. A partir de sua publicação, a Editora Abril se torna atraente para os jornalistas não só pelos bons salários

que paga mas também porque pode dar importância dentro da profissão.¹

Devido ao seu sucesso comercial, a revista Realidade mudou o entendimento dos próprios diretores da Editora, que passaram a acreditar na viabilidade econômica do lançamento de uma revista semanal, que seria um antigo projeto. No entanto, desde 1959, Victor Civita sonhava com “uma revista chamada Veja, um semanário ilustrado semelhante à Look americana, ou à Life, ou à Oggi italiana.”² Enquanto seu filho Roberto Civita “desde menino era apaixonado por Time.”³

As diferenças entre pai e filho parecem ter se concretizado numa diferença entre o produto lançado e a imagem do produto divulgada pela campanha de lançamento:

O lançamento de Veja se desenvolve em duas frentes: de um lado, uma campanha publicitária; de outro, uma campanha de promoção. A parte de publicidade é organizada pela Standart propaganda, com Roberto Duailibi como diretor de criação. Neil Ferreira como redator e Anibal Gustavini como diretor de arte. A ela compete preparar os anúncios que ocuparão páginas inteiras em todos os jornais diários das capitais do Brasil, no domingo, um dia antes do lançamento. A impressão que se tem, fora da Editora Abril, é que vai ser lançada uma nova revista semanal fartamente ilustrada. O comentário é de que a Editora Abril vai publicar a “Manchete Paulista”⁴

Fiel à característica de uma empresa comunicacional voltada predominantemente para o entretenimento, devido à publicação de histórias em quadrinhos, fotonovelas e revistas femininas, o lançamento pela Editora Abril do produto Veja seguiu a lógica da indústria cultural. Mediante uma ação articulada que envolveu diferentes veículos de comunicação, o lançamento foi feito em grande estilo, com elementos da sociedade do espetáculo como o farto uso de imagens, o recurso publicitário a personalidades famosas (politicamente de direita) e o acompanhamento do “nascimento” do produto pelos publicitários numa maternidade simulada. De acordo com o artigo de Souza:

A peça-chave do planejamento promocional é um grande jantar, oferecido na noite de sábado, 7 de setembro, antevéspera do lançamento, aos principais publicitários. Enquanto a redação fecha o número 1, naquele sábado, os publicitários estão no restaurante da Editora Abril, no Roof do edifício da Avenida Otaviano Alves de Lima, acompanhando por circuito fechado de televisão a produção de *Veja*. No andar da gráfica, uma sala foi separada, totalmente pintada de branco e mobiliada. Terminado o jantar, os publicitários descem para essa sala, onde lhes são servidos conhaque francês e charutos cubanos. É como se fossem pais esperando o nascimento do filho. Paulo Augusto de Almeida (chefe do departamento de promoção da revista) e os Civita fazem as honras da casa, orgulhosos do produto que lhes vão mostrar em seguida. Assim que os primeiros exemplares chegam à sala, foi possível perceber, apesar de toda a delicadeza do momento, que nem todos parecem satisfeitos com a criança que lhes põem nas mãos.

A noite de domingo é preenchida com um jantar para 600 convidados na boate paulistana O Beco. Durante a semana anterior, providenciou-se a gravação de um teipe de 12 minutos, que foi encaminhado às estações de televisão de todo o país. Os jornais de domingo anunciam, sob o título “*Veja*”: “hoje, às 22h10, pelos canais 4,5,7,9 e 13, respondendo aos mais palpitantes assuntos da atualidade: Carlos Lacerda, Roberto Campos, Paulo Machado de Carvalho, Araújo Castro (presidente do Conselho de Segurança da ONU), Frei Estevão, Hebe Camargo, Ugo Castellano e Agnaldo Rayol”. No mesmo dia entra nos cinemas de todo o Brasil um documentário de Jean Manzon sobre o lançamento da revista, feito nos meses anteriores, durante o preparo dos números zero.

No Beco, às 22h10, durante o jantar, abrem-se as cortinas do palco onde estão televisões ligadas nos cinco canais existentes em São Paulo. Naquele domingo, o ponto alto do show é o teipe do lançamento da revista. Em seguida, são distribuídas aos presentes as certidões de nascimento de *Veja*, copiadas das certidões dos cartórios da Freguesia do Ó (bairro de São Paulo onde está instalada a Abril) e preenchidas uma a uma por um calígrafo.⁵

Ninguém pode negar que tanto a campanha publicitária quanto a campanha promocional para o lançamento de *Veja* foram impecáveis. A campanha promocional chegou ao requinte da distribuição de certidões de nascimento do produto, algo totalmente enquadrado no fetichismo da mercadoria analisado por Marx: a atribuição de características humanas às mercadorias. A dimensão espetacular da campanha se traduziu em números espetaculares: “dos 700 mil exemplares impressos, *Veja* vendeu cerca de 650 mil.”⁶ Sendo que “o número 1 fechou como 63 páginas de publicidade no escuro.”⁷ Ou seja, sem que os publicitários tenham visto o produto. Mas, como o próprio texto citado anteriormente já indicava “nem todos parecem satisfeitos com a criança que lhes põem nas mãos”. E os insatisfeitos eram “apenas” os publicitários (os representantes dos anunciantes) e o público leitor:

Um publicitário da Lince Propaganda fora mais radical na reunião de domingo no Beco. Ele recebeu o sorridente Oscar Colucci, diretor de publicidade da revista, com a frase: “isto é a maior merda que eu já vi na história da imprensa brasileira”.⁸

A reação dos consumidores do produto *Veja* parece não ter sido muito melhor, como se pode perceber pelo depoimento de um leitor transcrito por Maria Celeste Mira no livro *O Leitor e a Banca de Revistas*:

Pela campanha publicitária não esperava essa revista. Comprei, cheguei em casa, minha mulher falou. Comprou *Veja*? Comprei. Uma porcaria. Por quê? Olha o tamanho da revista, a grossura. Estava todo mundo acostumado com *Manchete*. Falei: acho que também estava esperando esse formato e paginação. *Manchete* tem páginas coloridas. Não tinha nada daquilo. Não comprei mais.⁹

Centenas de milhares de leitores a partir do número 2 deixaram de comprar a revista, que ainda vendeu no segundo número 250 mil, de uma tiragem de 600 mil, mas em seguida vendeu cada vez menos até atingir o número de 16 mil compradores por edição.¹⁰ O público não perdeu tamanho descompasso entre a imagem do produto divulgada pela campanha de lançamento e o produto real. E se os consumidores

não perdoaram, muito menos os anunciantes: “a partir do número 4, o único anunciante fixo da revista é a Souza Cruz, que comprou no escuro todas 52 capas e mantém o contrato.”¹¹ De um sucesso espetacular, *Veja* se transformou num fracasso espetacular.

Mesmo com o fracasso nas vendas, a disposição de Roberto Civita, um dos diretores da Editora, e do jornalista Mino Carta, o diretor de redação, foi a de manter a proposta da revista semanal de informações; no entanto, posteriormente reconheceram que não sabiam muito bem como produzir uma revista com estas características. Segundo Mino Carta:

Quando o número 1 começou a sair das máquinas e quando comecei a ver o primeiro caderno fui tomado por uma profunda sensação de pânico. Porque aí ficou claro que estava tudo errado. (...) Eu também devo confessar que naveguei na mais total escuridão por muito tempo.¹²

Para Roberto Civita:

Nós não sabíamos fazer a revista. A revista era complicada demais, tinha texto demais. O texto era difícil de ler. (...) Eu acho que desde o início *Veja* tinha uma postura certa e muito interessante e também um nível de inteligência, conteúdo e atitude da revista, corajosa, liberal, aberta, moderna, acho que estava certa desde o início. Mas entre as boas intenções e fazer uma publicação que o leitor goste faltava um longo caminho. Então tínhamos que aprender a fazê-la, aprender a torná-la mais atraente. Não mudar-lhe o propósito, mas executá-la melhor.¹³

A valorização do texto, um componente básico de uma revista semanal de informação, era entendida da seguinte forma, de acordo com Mino Carta: “o fato tem sempre que representar uma situação maior do que ele – e, então, tentaremos explicar as suas razões e antecipar seus desenvolvimentos.”¹⁴

Se a valorização do texto e a preocupação em contextualizar a informação para o leitor era o principal propósito do jornalismo praticado por *Veja* em sua fase inicial, a revista também utilizou fórmulas do jornalismo espetacular, marcado pelo entretenimento.

Em 25/09/68, *Veja* traz em sua capa uma foto de Ana Maria Palmeira com a seguinte chamada: “POR QUEM CHORA ANA

MARIA PALMEIRA? Seu marido, Vladimir, é um líder foragido”. A matéria que abordará esta temática tem por título e subtítulo: “O LÍDER FORAGIDO E SUA MULHER – Vladimir Palmeira, líder estudantil carioca, esconde-se desde quinta-feira. Com ele está sua mulher, Ana Maria - ela foi importante para a libertação”.

A forma pela qual a matéria sobre Vladimir Palmeira é apresentada aos leitores é marcada pelas características do jornalismo de entretenimento, sendo muito próxima da linguagem utilizada, por exemplo, numa fotonovela. Um dos principais aspectos da cobertura da mídia sobre o movimento estudantil em 1968 foi a transformação das suas lideranças em celebridades, com a exposição, inclusive, das suas vidas pessoais. Veja não fugiu à regra, com a peculiaridade de combinar a abordagem da vida pessoal das lideranças com um texto que procurava abranger os diferentes elementos que envolviam o engajamento dos estudantes contra a ditadura, desde a possibilidade de sofrerem violências nas mãos do aparato repressivo até as disputas internas entre as diferentes correntes políticas presentes no movimento estudantil.

Logo no início da matéria, Veja publica parte da fala de Vladimir Palmeira aos estudantes na PUC carioca, na quinta-feira da semana anterior sobre sua prisão:

“Na DOPS não cheguei a ser torturado fisicamente. O que os caras fizeram foi me ameaçar de morte várias vezes. Quando me transferiram para a Vila Militar, me amarraram os braços e as pernas, vendaram meus olhos, disseram que iam me jogar no rio Guandu. Depois, senti água em volta do corpo todo, cheguei a achar que os caras iam me afogar mesmo. Na Vila Militar, o clima no começo era muito ruim mas depois melhorou muito. Logo nos primeiros dias, chegou perto de mim um tenente, com um menino de cinco anos pelo braço. Me apontou para o menino e falou: ‘Olha bem esse sujeito meu filho. É por causa dele que teu pai fica sempre de prontidão e não pode passar mais tempo contigo. Minha vontade é dar um tiro nele, mas o coronel proibiu. Olha bem pra ele, meu filho. Ele é teu inimigo e do teu pai’. Depois a situação mudou. No fim, já brincava comigo: ‘Por que você não dá um jeito de o Franklin, o Muniz e o Marcos Medeiros

virem para cá? Assim a gente fazia um jogo de estudantes contra a Vila Militar”. Franklin Martins, Carlos Alberto Muniz e Marcos Medeiros são outros líderes estudantis cariocas.¹⁵

Logo depois, é feita uma retrospectiva sobre a militância e união de Ana Maria e Vladimir Palmeira, bem como de sua prisão e das dificuldades para a sua libertação, pois embora um *habeas corpus* tenha sido concedido pelo Supremo Tribunal Federal em favor de Vladimir Palmeira, havia um segundo pedido de prisão preventiva solicitado pelo delegado Manoel Vilarinho da DOPS carioca. Contudo, Vladimir é posto em liberdade na quinta-feira, quando se dirige à PUC carioca para acompanhar o final da apuração das eleições para a presidência do DCE da UFRJ. Enquanto isso, a Segunda Auditoria da Marinha decretava a prisão preventiva de Vladimir Palmeira por trinta dias a partir daquele momento. A decisão de Vladimir foi, então, de só reaparecer quando fosse concedido novo *habeas corpus*; voltando a funcionar, assim, seu “esquema de segurança”. Neste contexto, segundo Veja, Vladimir opta por não concorrer a nenhum cargo da diretoria da UNE, apoiando José Dirceu de Oliveira, presidente da UEE paulista. Tal apoio é justificado por Franklin Martins – presidente do DCE da UFRJ, filho do Senador Mário Martins:

“A UNE está sem qualquer organização real e isso já vinha de antes dos tempos do Travassos. Ela não é respeitada em diversos Estados importantes. Acreditamos que o José Dirceu possa lhe dar a mesma organização que promoveu na UEE de São Paulo, onde esmagou a corrente travassista representada pela Catarina Meloni”.¹⁶

Franklin Martins diz, ainda de acordo com a revista, que:

“Não tem sentido a gente reivindicar um bebedouro para a escola e depois dizer que ele não vem porque o diretor e o reitor não querem dar, porque o Ministério da Educação não deu o dinheiro e que tudo faz parte da ditadura, que existe porque é mantida pelo imperialismo americano, o mesmo que esmaga o povo vietnamita - e, a partir daí, como quer o Travassos, acusar o imperialismo por causa do bebedouro.”¹⁷

A linha de Travassos, então presidente da UNE, foi assim apresentada pela revista:

José Loguércio, representante de Travassos no Rio Grande do Sul, definiu-a em seu discurso no congresso regional do Sul: “O importante é desenvolver a luta nas ruas. Lutar à frente do povo contra a ditadura e o imperialismo.”¹⁸

Até pelas características do período, o tema do engajamento político recebeu grande destaque de *Veja* nas suas edições de 1968. A própria capa da primeira edição remetia a esta temática, com um conteúdo voltado para a disputa entre chineses e soviéticos no interior do bloco socialista, apresentada com uma forma marcada pela linguagem do entretenimento: a chamada da capa era “o grande duelo no mundo comunista”, e a capa era composta por um punho segurando uma foice e um outro segurando um martelo, reproduzindo assim o símbolo clássico do movimento comunista e, ao mesmo tempo, fazendo uma alusão visual ao tema do duelo.

Se o engajamento foi um tema central para *Veja* em 1968, ele marcava também os jornalistas que a produziam, como se pode perceber pela presença de Raimundo Rodrigues Pereira como um dos seus editores. Raimundo Pereira é um dos mais importantes jornalistas brasileiros, sendo um dos principais responsáveis pela existência de jornais alternativos na década de 1970, como *Opinião e Movimento*, e até hoje vinculado a publicações alternativas como as revistas *Reportagem* e *Retrato do Brasil*.

O movimento estudantil, principal movimento social engajado na luta contra a ditadura militar em 1968, mereceu dos jornalistas engajados de *Veja* uma cobertura retrospectiva, focada na temática da violência e caracterizada pela busca dos culpados por ela. É significativo o título de uma matéria publicada no primeiro número da revista no dia 11/09/68: “A Culpa da Violência – Quem jogou a primeira pedra, os moços ou a polícia? Os dois lados admitem a violência”. O conteúdo do texto apresenta a reação contra o assassinato do estudante secundarista Edson Luís como o início da nova era do movimento estudantil marcada pela violência:

Foi assim - Um tiro no peito e Edson Luís de Lima Souto, estudante de dezoito anos, cai morto durante os incidentes no restaurante do Calabouço, envolvendo seus colegas e soldados da Polícia Militar. (...) A noite do dia 28 de março começa a chegar na Guanabara, quando o corpo sem vida de Edson Luís é carregado pelas ruas (...). Era o começo de uma nova fase de manifestações estudantis atingindo várias cidades do País. Uma fase nervosa quebrando o silêncio de quase cinco anos. Neles foram esquecidos os gritos de “o petróleo é nosso” dos estudantes de outros tempos, em que as passeatas eram chamadas, pelos jornais, de “desfiles”. Para as de agora, as autoridades às vezes usam outro nome: “guerrilha urbana”. De um tempo de protesto romântico, o movimento estudantil passou para uma época de violência, contida - no clima de tensão que antecede as passeatas - ou desencadeada nas lutas a pau e pedra contra o gás lacrimogêneo, o cassetete e o tiro.¹⁹

Sem dúvida a violência política era um componente importante da realidade vivida pelo Brasil desde abril de 1964. A política repressiva da ditadura militar agia com violência contra as manifestações de oposição ao regime e, por outro lado, setores significativos da esquerda, particularmente entre os jovens, consideravam a luta armada como a única forma de luta capaz de derrotar a ditadura, o que influenciava o uso da violência pelos estudantes em suas manifestações. No entanto, é preciso considerar que a ênfase sobre a violência na cobertura da imprensa sobre as manifestações estudantis, presente também na cobertura de *Veja*, não pode ser compreendida sem uma abordagem do seu vínculo com o sensacionalismo.

Dentro da lógica mercantil, dominante na sociedade capitalista, o apelo às emoções é um poderoso recurso para a venda dos produtos. No caso da venda do produto notícia, provocar reações imediatas no público leitor, despertando o seu interesse por intermédio de sensações como amor, ódio, desejo, medo, coragem, repulsa, curiosidade, é a principal característica da imprensa sensacionalista. Não é possível enquadrarmos a cobertura da *Veja* sobre o movimento estudantil em 1968, marcada por longos textos que procuravam situar o leitor dentro do contexto dos fatos, explicando suas razões, como um exemplo de

jornalismo sensacionalista; no entanto, é possível detectarmos a presença de elementos do sensacionalismo nesta cobertura, pelo destaque dado à temática da violência nas chamadas para as matérias e nos seus títulos, bem como pela importância atribuída à busca dos culpados pela sua existência.

Se o primeiro capítulo da novela jornalística produzida por Veja, sobre a busca dos culpados pela violência, foi um flash-back sobre o assassinato de Edson Luís e suas repercussões, em outubro de 1968 a novela apresentou ao público cenas inéditas, mostrando o que foi denominado pela revista como A Guerra da Maria Antônia. Com o título de “Destrução e morte. Por quê?”, em sua edição de 9/10/68 a revista Veja teceu uma forte crítica à “rivalidade dos estudantes” que transformaram a rua Maria Antônia em um “campo de batalha”:

Paus e pedras, bombas Molotov, rojões, vidros cheios de ácido sulfúrico que ao estourar queimavam a pele e a carne, tiros de revólver e muitos palavrões (...).²⁰

No mesmo momento em que os universitários brasileiros reclamam um nível melhor de ensino e pretendem uma participação mais ativa na vida política do País, 3 mil estudantes do Mackenzie e 2500 estudantes da Faculdade de Filosofia da USP deflagram a sua guerra por causa de um ovo. Para um estudante do Mackenzie, “essa briga prova que não há lugar para duas escolas na Rua Maria Antônia”. É muito pouco para tanta violência. Uma coisa é certa: aos dois lados faltou a visão das conseqüências políticas e dos danos materiais que a briga provocaria - e faltaram líderes para deter a briga, antes que chegasse onde chegou.²¹

Veja repudiou o saldo da “incrível batalha”: um estudante de vinte anos morto, muitos feridos, os prédios de duas escolas danificados e vários carros virados e incendiados e divulgou o laudo da autópsia de José Guimarães, questionando a autoria do crime, mostrando-a “indeterminada”:

Laudo da autópsia: “A bala é de calibre superior a 38 ou de fuzil. Havia seis ou sete pedaços de chumbo no cérebro. O tiro entrou 1 centímetro acima da orelha direita e saiu à altura da linha mediana da cabeça, atrás, ligeiramente à

esquerda. A bala fez um percurso de cima para baixo, em sentido oblíquo”. Quem atirou? Ninguém sabe.²².

Veja, ao enfatizar as violências praticadas pelos estudantes durante o trajeto da passeata para denunciar o assassinato, dizendo que “não houve paz”, criticou a tentativa de utilização política da morte de José Guimarães transformando-a em um fato político de repercussão nacional, assim como haviam feito com a morte de Edson Luís:

A camisa manchada com o sangue de José Guimarães foi carregada como um estandarte. Ninguém - exceto parentes e policiais - pôde ir ao enterro desse moço assassinado numa batalha absurda. O sepultamento marcado para às 16 horas de sexta-feira foi às 13 horas, no Cemitério do Araçá. Os moços da ex-UNE querem fazer dessa morte um caso político de repercussão nacional e anunciam mais passeatas. A que pode servir tudo isso? O irmão do morto diz que talvez sirva a alguma coisa, um dia. Que coisa?²³

Denunciando a atitude das lideranças estudantis (neste episódio, particularmente a de José Dirceu) que vinham conseguindo capitalizar graves fatos, em que a repressão policial tinha contribuído para aumentar a divulgação do movimento, a revista Veja voltou a chamar a atenção para a extinção legal da UNE, a partir da Lei Suplicy em 9/11/64. Queria explicitar assim, que, desde então, a UNE optava pela atuação clandestina e de esquerda, transformando-se em um movimento contra o regime, postura que vinha sendo ratificada durante todo o ano de 1968. E também assinalar que, com isto, apesar dos esforços de Costa e Silva para solucionar as questões estudantis, inclusive pela criação de um grupo de trabalho que elaborara uma reforma universitária, o Governo não tinha se livrado da oposição do movimento estudantil. Veja continuou, portanto, questionando o alvo do protesto dos estudantes durante a guerra da Maria Antônia:

A briga entre as duas escolas é muito antiga e cheia de crises. A principal foi em 1964, quando o CCC sentiu-se fortalecido com a mudança de regime e invadiu a Faculdade de Filosofia quebrando vidraças, móveis e espancando estudantes. Em 1966, quando Luís Travassos foi eleito presidente da ex-UEE, repetiu-se a invasão e

foi destruída a urna de votação. Em 1967, quando José Dirceu substituiu Travassos, houve outras brigas. Mas há alunos do Mackenzie contrários a seus colegas da chamada “tropa de choque”. E na passeata de sexta-feira por cerca de 4 mil pessoas em sinal de protesto pela morte de José Guimarães (um protesto contra quem?), apareceu uma faixa: “O Mackenzie se Une às outras Escolas e Repudia a Colaboração de Professores na Fabricação de armas assassinas.”²⁴

A revista *Veja*, salientando que estes dizeres insinuavam a união das duas escolas contra a ditadura e as organizações de extrema direita, inseriu o episódio da Maria Antônia na conjuntura política mais ampla caracterizada por grupos extremistas: um deles formado por elementos da direita radical – CCC (Comando de Caça aos Comunistas), FAC (Frente Anticomunista) e MAC (Movimento Anticomunista) – e o outro por elementos esquerdistas – pertencentes à “ex-UNE”. Neste contexto de indeterminação da autoria das ações violentas, *Veja* deslegitimou o protesto dos estudantes contra a morte de seu colega, uma vez que eles podiam, inclusive, ter sido os culpados por ela.

Na semana seguinte, no dia 16/10/68, *Veja* publicou uma matéria que tratava não apenas da violência dos estudantes (catalogada por ela como de esquerda), mas também da violência da direita, intitulada “Guerra aos Extremismos – Nos extremos, o apelo vem com a marca da violência. Uma ação que não interessa ao Presidente Costa e Silva, que declarou a guerra nas duas frentes”. A revista passou a investigar também quem seriam os terroristas no Brasil e quais as suas intenções, afirmando que eles, através de “atos espetaculares”, queriam chamar a atenção para seus objetivos políticos mais amplos, como a derrubada do regime via subversão. Assim, *Veja*, além de ter ressaltado a simultaneidade dos acontecimentos estudantis e dos atos terroristas, associou a organização do 30º Congresso da UNE, que deveria ter iniciado no dia 11 de outubro, com as peculiaridades do terrorismo no ano de 1968. Enfatizando, dessa forma, a existência de uma polarização política entre grupos radicais voltados para o uso da violência, *Veja* colaborou para a criação do clima de insegurança social que fez parte das condições favoráveis ao golpe dentro do golpe. A partir dos acontecimentos desencadeados pelo 30º Congresso de Ibiúna, a revista passou a antecipar os últimos capítulos

de sua novela jornalística, que só teria um final feliz a partir do momento em que Costa e Silva pusesse fim à “guerra dos extremismos”:

De um lado, os estudantes e a esquerda radical; de outro, os radicais de direita; ambos na posição de desafio à política do Presidente Costa e Silva. (...) Na mesma semana em que o 30º Congresso da ex-UNE era localizado e desmantelado pela polícia numa cidade do interior de São Paulo, o Presidente Costa e Silva determinava ao SNI investigações sobre as atividades de organizações clandestinas da extrema direita no Brasil. (...)

Existe uma convicção, nos meios governamentais, de que, tanto quanto as agitações de extrema esquerda, a atividade de organizações clandestinas da extrema direita cria um ambiente de intranquilidade. Além do mais, o Presidente não tem interesse na ação desses grupos, que compromete a normalidade do seu governo e prejudica a sua imagem no plano internacional. Na semana passada, as manifestações estudantis de rua, a perspectiva da realização do Congresso da ex-UNE, aliadas à evidência que assumia a sigla CCC no noticiário dos jornais, provocaram a fermentação de boatos onde a palavra “golpe” era uma constante.²⁵

A prisão das lideranças estudantis durante o cerco ao trigésimo Congresso da “ex-UNE” deveria ser o capítulo final na luta contra o terrorismo. Os perigosos líderes, personagens centrais do enredo criado pela revista *Veja*, há tanto tempo procurados e denunciados por ela, tinham sido, finalmente, autuados em flagrante e com prisão preventiva, passariam um bom tempo na cadeia. Assim, chamando a atenção para o fato de que “(...) os rapazes e moças enrolados em cobertores coloridos, no frio do começo da tarde de sábado passado, não pareciam os perigosos líderes estudantis do Brasil inteiro, presos durante o 30º Congresso da ex-UNE (...)”²⁶ *Veja* descreveu a prisão de Vladimir Palmeira, José Dirceu e Travassos com tom aliviado: “Os três líderes estudantis estavam com prisão decretada, finalmente executada depois de muitas vezes terem enganado a polícia.”²⁷

Em uma matéria sobre a UNE intitulada: “ATÉ ONDE CHEGAM OS PERIGOSOS CAMINHOS DESSA UNIÃO”, *Veja* comemorou o

desfecho do 30º Congresso, onde os congressistas se renderam sem luta e a Força Pública agiu sem violência.”²⁸

Dona de muitas vidas, a ex-UNE, com a prisão de seus líderes durante a realização do 30º Congresso, sofreu sua maior derrota desde que se transformou num movimento contra o regime.²⁹

A ausência de violência na repressão ao Congresso da UNE e a prisão das suas principais lideranças, indicariam, segundo a interpretação de Veja, que o governo de Costa e Silva seria capaz de evitar o golpe dentro do golpe e o endurecimento da ditadura militar; um final feliz para a novela política que se desenrolava em 1968 estaria próximo. No entanto não foi isso o que aconteceu: Veja, que durante os últimos episódios de 68, tanto clamava pela tomada de atitude de Costa e Silva frente ao clima de terror, intranquilidade e insegurança de toda a nação, recebeu a sua resposta. Com a decretação do AI-5 a grande imprensa foi violentamente invadida e censurada. O salvador da pátria, o herói, seria Costa e Silva, mas ao assinar o AI-5, ele se transformou no bandido, no vilão da imprensa e da narrativa construída por Veja.

Em 1968, o engajamento político dos jornalistas de Veja consistiu num grande fracasso. Clamaram contra violência política e ela se tornou vitoriosa, inclusive com a colaboração dos textos produzidos pela revista, que contribuíram para a sensação de medo e de uma situação fora do controle, que precisava ser combatida. Por outro lado, a presença de elementos do entretenimento no jornalismo praticado pela revista também se revelou contraproducente, incapaz de evitar o fracasso comercial da publicação.

Violentemente reprimido em 1968, o Movimento Estudantil só recuperou sua capacidade de organizar manifestações públicas contra a ditadura militar na segunda metade da década de 1970, no mesmo momento em que a revista Veja consolidava comercialmente o projeto de uma revista semanal de informação. Mas, estes são capítulos de uma outra novela...

Referências bibliográficas

COELHO, Cláudio N.P. & CASTRO, Valdir J. de (Orgs.). *Comunicação e Sociedade do Espetáculo*. São Paulo: Ed. Paulus, 2006.

DEBORD, Guy. *A Sociedade do Espetáculo – Comentários Sobre a Sociedade do Espetáculo*. Rio de Janeiro: Ed. Contraponto, 1997.

KUCINSKI, Bernardo. *Jornalistas e Revolucionários*. São Paulo: Scritta Editorial, 1991.

MIRA, Maria Celeste. *O Leitor e a Banca de Revistas*. São Paulo: Olho D'Água, 2001.

SOUZA, Ulysses Alves de. “A História Secreta de Veja” in *Imprensa* nº 13, setembro de 1988, p. 75-105.

VALLE, Maria Ribeiro do. 1968: *O Diálogo é a Violência – Movimento Estudantil e Ditadura Militar no Brasil*. Campinas: Editora da Unicamp, 2008.

Periódicos

Veja. São Paulo: Abril Cultural, 1968.

Notas

¹ SOUZA, Ulysses Alves de. A história secreta de Veja in *Imprensa* nº. 13. setembro de 1988. p 84.

² Idem. p.78.

³ Ibidem.

⁴ Idem. p. 88.

⁵ Ibidem.

⁶ Ibidem.

⁷ SOUZA, op.cit. p. 90.

⁸ Ibidem.

⁹ MIRA, Maria Celeste. *O leitor e a banca de revistas*. São Paulo: Olho D'Água, 2001. p.85.

¹⁰ SOUZA, op.cit.p. 90.

¹¹ Idem, ibidem.

¹² Apud SOUZA. Op.cit. p. 90.

¹³ Idem. p. 93.

¹⁴ Idem. p. 91.

¹⁵ *Veja*. 25/09/68. p. 18.

¹⁶ Idem. p. 21.

¹⁷ Ibidem.

¹⁸ Ibidem.

¹⁹ Veja. 11/09/68. p. 22.

²⁰ Veja. 09/10/68. p. 16.

²¹ Idem. p. 14.

²² Veja. 09/10/68. p. 19.

²³ Idem. pp. 20-21.

²⁴ Ibidem.

²⁵ Veja. 16/10/68. p. 19.

²⁶ Idem. p. 12.

²⁷ Ibidem.

²⁸ Veja. 16/10/68. p. 15.

²⁹ Idem. p. 17.